

REVISTA

DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”



EDUCAÇÃO CRISTÃ

O QUE VOCÊ
PRECISA SABER
SOBRE A

www.revistadiakonia.org

Edição 19ª | AGOSTO-SETEMBRO 2025

Um projeto Instituto João Calvino



REVISTA

DIAKONIA

“Servindo a quem foi chamado a servir”

Editor: Jim Witteveen, Jonathan Chase

Tradução: Jonathan Chase

Revisão: Saulo Melo

Projeto Gráfico: Saulo Melo

Diagramação: Saulo Melo

Website: Saulo Melo

Ilustração da capa: Saulo Melo

Imagens: Pexels.com, Unsplash.com,
Freepik.com.

contato@revistadiakonia.org



INSTITUTO
JOÃO CALVINO

O Instituto João Calvino é o seminário oficial das Igrejas Reformadas do Brasil. O IJC oferece o curso teológico completo para homens que buscam a ordenação como Ministros da Palavra. Localizado na Rua José Veríssimo nº 777, Aldeia, km 8 - Camaragibe - PE. CEP: 54789-080.

Acesse o site: www.institutojoaocalvino.org.

Acesse as edições anteriores em revistadiakonia.org/edicoes. Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site. www.revistadiakonia.org

A revista Diakonia é uma publicação bimestral do Instituto João Calvino. Os pontos de vista expressos nesta revista refletem os juízos pessoais dos autores, não representando necessariamente a posição de seus editores. Os direitos de publicação desta revista são do Instituto João Calvino. Permite-se reprodução desde que citada a fonte e o autor.

Copyright 2025 - Instituto João Calvino. Todos os direitos reservados.

Sumário



Jim Witteveen

Editorial

03



Gavin Beers

A Educação
Cristã e a Aliança

06



William Van Brugge

O Propósito da
Educação Cristã

10



Bartel Elshout

A piedade
como exemplo
educacional

15



Wybren H. Oord

Escolas Públicas
São Mais Baratas

21



George Grant

A Educação
Nunca Termina

25



Wybren H. Oord

O Pai
que Ensina

30

Acesse as edições anteriores em revista-diakonia.org/edicoes.

Acompanhe mensalmente também as publicações de artigos em nosso site.

www.revistadiakonia.org.



Editorial

Jim Witteveen é pastor missionário enviado pelas Igrejas Reformadas do Canadá para servir no Brasil. É diretor e professor do Instituto João Calvino.

Desde a época da Reforma Protestante, um dos aspectos-chave da fé e da vida reformadas tem sido a forte ênfase na importância vital da educação cristã. Como igrejas reformadas, entendemos que Deus se relaciona conosco de forma pactual. Enfatizamos a doutrina da aliança em nossa pregação, em nosso ensino, em nossa adoração e na realização de todas essas coisas na vida do povo de Deus. Nós somos o povo da aliança de Deus. As promessas que Deus nos faz como crentes da Nova Aliança são feitas “a nós a aos nossos filhos” (Atos 2.39), assim como eram sob a Antiga Aliança. E as obrigações pactuais também são as mesmas. Pregar, ensinar e debater a doutrina da aliança não é um fim em si mesmo; a teologia da aliança deve levar à vivência da aliança.

Isso significa que, como pais cristãos, temos obrigações que só podemos negligenciar por nossa própria conta e risco, e por risco da vida de nossos filhos. Apresentamos nossos bebês para serem batizados e, quando fazemos isso como pais, fazemos um voto solene diante de Deus e de seu povo. Essas perguntas são feitas aos pais quando apresentam o filho para ser batizado:

“Vocês prometem e assumem a responsabilidade, como pais desta criança, de instruí-la no ensino já mencionado [do Velho e do Novo Testamento], logo que for capaz de entendê-lo?”

E: *“Vocês prometem fazer todo o possível para que esta criança seja instruída naquele ensino?”*

Como pais, respondemos, “Sim.” Fazemos um voto solene. E esse voto é tão importante porque é por meio da nossa fidelidade às exigências da aliança de Deus que Deus leva nossos filhos a abraçar suas promessas com fé, e a responder a elas em fiel obediência. Dessa forma, o processo de “sucessão da aliança” é continuado. O evangelho flui de uma geração para a outra, e depois para a próxima, e assim por diante. E o próprio Senhor, dessa forma, demonstra sua fidelidade às suas promessas, por mil gerações (Êxodo 20.6; Deuteronômio 5.10; 1 Crônicas 16.15; Salmo 105.8).

Esta é a gloriosa realidade da teologia da aliança, que enfatiza a natureza comunitária do nosso relacionamento com Deus. Essa natureza comunitária tem a ver com a geração atual do povo de Deus, o povo com o qual estamos

unidos em nossas igrejas hoje, mas também com as gerações passadas, e as gerações futuras!

Começando com esse entendimento da natureza e do propósito da aliança de Deus, somos levados a enfatizar corretamente a importância da educação cristã para nossos filhos, e a levar essa responsabilidade a sério. Essa educação não é algo que deixamos para os “profissionais,” como nossa sociedade gostaria que fizéssemos, visto que, alega-se, os pais não serem capazes ou equipados para tal. Vivemos em um mundo em que se pressupõe que o Estado deva desempenhar um papel de liderança na educação da juventude da nação. É responsabilidade do Estado moldar e formar as mentes jovens, com o objetivo de criar cidadãos produtivos, engrenagens da máquina estatista.

Para empregar outra metáfora, o objetivo do sistema educacional estatista é criar uma massa indistinguível de abelhas operárias que serão dóceis, obedientes, não ameaçadoras e zangões idênticos, trabalhando para alimentar a rainha—o sistema estatal abrangente. O Estado entende que o acesso precoce às crianças é vital para moldar a maneira como pensam, o que acreditam e como se comportam. Isto

é verdade, e é por isso que nunca devemos imaginar que podemos entregar nossos filhos a César e esperar que eles se dediquem a servir o Verdadeiro Rei em seu Reino, apesar de terem sido moldados como servos de um império mundano e pagão.

Devido à inegável importância deste assunto, dedicamos esta edição da Revista Diakonia à educação cristã. A educação cristã é responsabilidade, não do Estado, nem de qualquer outra organização, mas dos pais cristãos. É um chamado solene e sagrado para o qual fomos chamados. Exige dedicação, exige abnegação, exige fidelidade, e exige confiança nas promessas pactuais do nosso Deus. É uma educação que não se limita à escola organizada, é instrução que não deixamos para os “profissionais” de nenhuma área, sejam os “profissionais” da Igreja (o pastor e os presbíteros), ou os “profissionais” da sociedade—os pedagogos, os ideólogos e as elites intelectuais. É uma

responsabilidade que começa quando nossos filhos são pequenos, com a instrução que recebem em casa. E continua enquanto permanecem em nossos lares—na escola (se houver uma escola cristã fiel acessível), na Igreja (por meio da instrução catequética e pregação da Palavra) e, principalmente, no lar (onde o ensino mais importante é dado, em palavras e ações).

Nosso objetivo ao publicar esses artigos é encorajar oficiais e membros da Igreja a considerarem seriamente a grande responsabilidade e o grande privilégio que receberam com cuidadores dos filhos da aliança de Deus. Que Deus nos capacite a levar nosso chamado a sério. Que ele nos capacite a não inventar desculpas sobre por que não conseguimos manter os altos padrões que ele estabeleceu para nós, e a confiar que ele nos equipará para criar nossos filhos no temor e na disciplina do nosso Deus da aliança — para a promoção do seu Reino, e para sua glória.

Educação Cristã e a Aliança

por **Gavin Beers**

Um conceito bíblico de Educação Cristã exige que o povo de Deus proporcione aos seus filhos uma Educação explicitamente Cristã em todas as coisas. A vida cristã é uma guerra total a ser travada em todas as frentes da experiência humana.

Como reformados, temos uma visão distinta das crianças na Aliança da Graça. Acreditamos que a Bíblia revela um Deus da aliança que é o Deus dos crentes e de seus filhos (por exemplo, em Gênesis 17:7, Atos 2:39). Com isso, não presumimos que os filhos dos crentes sejam automaticamente verdadeiros cristãos, nem que todos o serão; em vez disso, tratamo-los como Deus nos diz para fazermos, ou seja, como membros



do Seu povo da aliança e nos apegamos às Suas promessas a respeito deles.

Qualquer exame fiel da questão da educação dos nossos filhos, então, não pode prosseguir divorciado da doutrina da Aliança da Graça. Infelizmente, porém, esta tem sido a abordagem há muito tempo. Louis Berkhof lamentou isso quando tratou do assunto na década de

1930. Vindo de origem holandesa com uma longa tradição de Educação Cristã, ele ainda não conseguiu encontrar uma única peça de literatura existente que ligasse a Educação Cristã e a Aliança. Ele escreve em seu artigo 'A Aliança da Graça e a Educação Cristã': 'É bastante evidente na maioria das igrejas do nosso país, mesmo naquelas que teoricamente subscrevem a doutrina da aliança, que esta doutrina não tem compreensão sobre a vida e a consciência do povo em geral, e falha totalmente em ter um influência determinante na educação dos seus filhos'.

Então, em que acreditamos?

Não sustentamos que nossos filhos sejam automaticamente herdeiros da salvação, mas que sejam herdeiros da promessa de salvação da aliança.

Acreditamos que a Aliança não vem apenas com promessas, mas também com condições, e que para participar na verdadeira vida da aliança, a criança deve exercer fé pessoal em Cristo, o Mediador, e que esta fé é um dom de Deus.

Creemos também que Deus designou meios através dos quais Ele dará esta fé à Sua semente eleita. Isto, é claro, inclui a pregação da Palavra, mas esses meios vão muito além da pregação

formal do Evangelho, para abranger toda a criação pactual da criança, ordenada em Efésios 6:4 a nós: '*Crie-os na disciplina e na admoestação do Senhor.*'

Esta educação, escreve Louis Berkhof, inclui todo o ciclo da verdade cristã com a sua ampla abrangência, tocando todos os domínios, todas as esferas e todas as relações da vida cristã. Isto, diz ele, é um requisito muito abrangente – daí a necessidade da educação cristã, que é um dos meios que Deus tem prazer em usar para operar a fé no coração da criança, para chamar à ação uma fé incipiente e para guiar os primeiros passos daquela fé vacilante.

Salomão tinha isso em mente em Provérbios 22:6 quando ele escreveu, '*Ensina a criança no caminho em que deve andar, e, ainda quando for velho, não se desviará dele.*' Não estamos justificados, na verdade erramos, se aplicarmos estas palavras aos nossos filhos hoje, separados do contexto da aliança em que eles vêm até nós. Estas são as palavras de Salomão, filho de Davi, filho de Abraão. Ele agora está ensinando seu filho a treiná-lo no caminho do Senhor, porque Deus prometeu ser o Deus de seus filhos, assim como ele era seu Deus e o Deus de seus pais.

A Educação e a Aliança Aplicadas aos Nossos Filhos

Do que dissemos, segue-se que a responsabilidade de confiar no Senhor Jesus Cristo recai sobre cada um dos nossos filhos como indivíduos, e com isso o dever de acreditar e obedecer a todo o conselho de Deus. Se eles não acreditam em Cristo e não andam nos Seus caminhos, então eles não apenas dão as costas a um grande privilégio, mas quebram a aliança com Deus. Deve ser entendido que viver nesta relação de aliança é mais do que simplesmente viver sob o Evangelho e sob a oferta gratuita de salvação. "Existe um acordo. A aliança é uma aliança estabelecida, uma aliança acordada, acordada pelos pais também para os seus filhos". Será pior no Dia do Juízo para aqueles que simplesmente ouviram o Evangelho e o rejeitaram do que para aqueles que nunca o ouviram. Será ainda pior para os nossos filhos, pactuados com Deus no batismo, se eles rejeitarem este acordo de aliança e a sua criação pactual para perecerem nos seus pecados. Ai deles, porque será melhor para Sodoma e Gomorra do que para eles!

A Educação e a Aliança Aplicada aos Pais

Embora a responsabilidade de acreditar recaia sobre os filhos, a responsabilidade recai sobre os pais de treinar seus filhos em toda a educação que descrevemos. O nosso fracasso em fazer isto é, portanto, uma falha na aliança da nossa parte. Em termos simples, negligenciar a prestação de uma Educação Cristã aos nossos filhos está em desacordo com os votos que fazemos no batismo dos nossos filhos. Poderíamos ser zelosos pela sua salvação, diligentes no culto familiar e fieis em evangelizá-los e levá-los às reuniões da Igreja, o que é louvável. Além disso, podemos ter o desejo de ver os não convertidos do mundo ganhos para o Senhor Jesus Cristo e engajar-nos de coração na obra de evangelismo. Contudo, esse zelo certamente é confuso se, enquanto buscamos a salvação do mundo, entregamos nossos filhos, que Deus chama de Seus filhos (Ezequiel 16:20-21), para serem treinados em hostilidade à Sua aliança.

Em vista disso, J. Gresham Machen, escrevendo em 1934 sobre a necessidade da escola cristã, concluiu:

“Vejo pouca consistência num tipo de atividade cristã que prega o evangelho nas esquinas e nos confins da terra, mas negligência os filhos da aliança, abandonando-os a um secularismo frio e incrédulo”.

As implicações da Aliança são claras e talvez dolorosas. Falhar em proporcionar aos nossos filhos uma educação que esteja de acordo com a disciplina e a admoestação do Senhor é falhar em cumprir os termos de nossa responsabilidade na aliança. No entanto, mesmo que tomemos medidas para fornecer essa educação, não há garantias. O propósito da eleição de Deus permanecerá, haverá Jacós e Esaús, e assim, admitimos prontamente que filhos que recebem uma educação cristã podem crescer e virar as costas

para ela, quebrando a aliança apesar do privilégio. Por outro lado, muitos outros podem não receber uma educação cristã e crescer para manter o caminho do Senhor sem ela; de fato, muitos o fizeram. Deus manterá Sua soberania nessa área como em todas as outras e, no final, as consequências pertencem a Ele. No entanto, o que nos pertence a nós e aos nossos filhos é o que Ele revela como nosso dever em Sua Palavra, e, portanto, não fornecer essa educação para nossos filhos é uma violação de Sua aliança da nossa parte.

Gavin Beers é pastor da Igreja Presbiteriana Cornerstone, Igreja Livre da Escócia Continuando, Carolina do Norte).

Originalmente publicado em inglês na revista Reformed Presbyterian Witness em 2011.

O Propósito da Educação Cristã

por **William Van Brugge**

“Por quê? O que isso faz? Como funciona?” Estas são as perguntas feitas por crianças enquanto buscam construir conexões significativas com o mundo ao seu redor. Mas essa busca por propósito e significado não se limita a jovens curiosos. Ajustar-se ao quadro maior do propósito de Deus para a existência do homem deve ser o objetivo de toda instituição e comunidade educacional.

O que a educação deveria se propor a realizar? O que um educador deve buscar alcançar? Por quais critérios as instituições educacionais devem ser avaliadas? Respostas bíblicas a essas perguntas formulam um propósito claro para a educação cristã. Jesus proclama: *“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este*

é o primeiro e grande mandamento” (Mateus 22:37). Este versículo estabelece um propósito claro e abrangente para a educação cristã: ajudar os alunos a obedecerem alegremente ao Senhor Jesus Cristo. Toda verdade é a verdade de Deus. Estudamos Sua verdade conforme revelada nas Escrituras e também conforme expressa na ordem criada, através de diversas disciplinas. Estudamos para aprender, para desfrutar do aprendizado e para saber como responder alegremente em obediência a Cristo.

A educação cristã possui um propósito profundo, permanente e eterno; Deus é o seu núcleo essencial. A educação cristã deve ter como objetivo glorificá-Lo e ensinar os alunos a amá-Lo. Deve integrar a verdade bíblica às suas



práticas e políticas e incentivar os alunos a amarem o próximo, vivendo uma vida de serviço a Deus e aos outros.

Glorificar a Deus

Para compreender o propósito último da educação, precisamos primeiro entender o propósito do homem. A primeira pergunta do Breve Catecismo de Westminster indaga: “Qual é o fim principal do homem?” E a resposta: “Glorificar a Deus e desfrutá-Lo para sempre”. Segue-se, então, que se o propósito do homem é glorificar e desfrutar de Deus, a educação deve servir a esse propósito. Seu objetivo não é primariamente atender às necessidades do homem ou desenvolver seu potencial, mas, acima de tudo, trabalhar para a maior glória de Deus. A alegria e a realização última do estudante na vida encontram-se na comunhão amorosa com seu Criador. João Calvino resumiu isso dizendo: “A glória de Deus é o objetivo final na vida do homem, e este também é o objetivo final na educação do homem”. Colossenses 3:17 nos diz: *“E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus”*. 1 Coríntios 10:31 diz: *“Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo*

para a glória de Deus”. Claramente, a educação cristã está incluída no “coisa qualquer” aqui referido.

Ensinar o Amor por Cristo

Deus se revelou a nós em Seu Filho, Jesus Cristo, a expressão visível do nosso Deus invisível. Jesus afirma profundamente que Ele é o caminho, a verdade e a vida. Todos os esforços educacionais serão insuficientes se não conseguirem familiarizar os alunos com Ele, com Seus ensinamentos e com Sua amabilidade.

Educar as crianças no caminho do Senhor é uma responsabilidade compartilhada pela igreja, pelo lar, pela escola e por toda a comunidade cristã. Como parceiros indispensáveis, cada um contribui de forma única para esse processo de nutrição, sempre apontando para Cristo.

A primeira faculdade americana, Harvard, estabeleceu esse padrão: “Que cada estudante seja claramente instruído e sinceramente pressionado a considerar bem o principal objetivo de sua vida e estudos: conhecer a Deus e a Jesus Cristo, que é a vida eterna (João 17:3) e, portanto, colocar Cristo na base, como o único fundamento de todo conhecimento e aprendizado

sólido. E, visto que somente o Senhor concede sabedoria, que cada um se proponha seriamente a buscá-la em oração secreta (Provérbios 2:3)”.

João Calvino escreveu de forma semelhante: **“O verdadeiro objetivo da educação é conduzir a criança à vida cristã”**. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria e necessário para glorificá-Lo, pois sem fé é impossível agradá-Lo. Os estudantes precisam chegar a uma fé salvadora em Cristo antes de poderem realmente pensar e agir de forma bíblica. Nosso relacionamento com Deus exige que percorramos o caminho que conduz desde o início da sabedoria até sua plenitude em Cristo. A educação cristã deve ensinar os alunos a temerem a Deus e a amarem a Cristo para que pensem e ajam bíblicamente em todas as áreas da vida. Deve ser centrada em Cristo, ensinando o amor pelo Salvador.

Integrar a Verdade Bíblica

A educação cristã é um aprendizado enraizado na revelação. Paulo, dirigindo-se à igreja em Colossos, desejou *“que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; a fim de viverdes de modo digno do Senhor;*

para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus” (Colossenses 1:9-10).

Cada aspecto da educação cristã deve encontrar seu ponto de partida nas Escrituras. A Bíblia revela as verdades básicas que Deus deseja que conheçamos. O desafio na educação é sondar todas as esferas de aprendizado para as quais o aluno tem capacidade e tempo, aplicando as verdades das Escrituras a essas áreas. Isso exige uma aceitação fundamental e incondicional da verdade revelada e imutável de Deus, o alicerce sólido que nossa geração desesperadamente precisa em um mundo de ideais e cosmovisões instáveis. O desafio é aprender firmemente os absolutos revelados por Deus e, então, explorar os conhecimentos a serem adquiridos. Sem absolutos e um arcabouço baseado na realidade das Escrituras, o desastre intelectual é inevitável. *“E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”*. (Romanos 12:2).

A educação cristã ensina as crianças a crescerem em seu conhecimento das Escrituras e, assim, a compreenderem

a perspectiva de Deus — pensar os pensamentos d’Ele, aprendendo a mente de Cristo. Assim, elas serão capacitadas a raciocinar em termos da verdade bíblica enquanto desenvolvem uma cosmovisão madura, consistente e bíblica. A educação cristã falha em cumprir seu propósito se não priorizar a necessidade de uma fé e cosmovisão cristã examinadas e reflexivas. Quando os alunos se rendem ao Senhor e usam seu conhecimento em harmonia com Sua vontade, o significado de Salmo 111:10 torna-se claro: *“O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria; bom entendimento têm todos os que cumprem os seus mandamentos.”* A educação cristã desafia os corações e mentes dos nossos alunos a serem conformados à verdade da Palavra de Deus.

Cultivar Amor e uma Vida de Serviço

Nossos alunos buscam amar e obedecer a Deus acima de tudo e, em seguida, demonstrar amor e preocupação pelo próximo? Eles possuem um coração voltado para o serviço ao próximo? O propósito da educação cristã deve ir além da conformidade externa e da formação de jovens apenas moralmente corretos. Deve focar nas atitudes

do coração. Estabelecer regras para facilitar o aprendizado e controlar o comportamento em um ambiente estruturado e seguro é importante, mas ao revisar a eficácia da nossa educação, precisamos examinar suas motivações, desejos do coração e atitudes. Obter conhecimento pelo simples fato de ter conhecimento leva à arrogância intelectual e à autoglorificação. O verdadeiro conhecimento é usado de forma prática e avança o reino de Deus para a Sua glória. Alunos que aprendem a andar na verdade e pela fé manifestam o fruto do Espírito em boas obras.

Amar e servir a Deus é uma mentira vazia se não houver um coração para servir os outros, tanto em palavras quanto em ações. Cada aluno recebeu talentos, oportunidades e bênçãos de seu Criador. A educação cristã não apenas desenvolve os potenciais dos alunos, mas também os ajuda a encontrar seu lugar, significado, propósito e responsabilidades diante de Deus. A educação cristã deve, com oração e fidelidade, se esforçar para desafiar os alunos a permitir que Deus molde seus corações em submissão a Ele, para que tenham corações de serviço e amor pelo próximo.

Em conclusão, o propósito e o valor da educação cristã encontram-se no Senhor Jesus Cristo, “...o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção” (1 Coríntios 1:30). Nosso desejo na educação é *“para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento*

estão ocultos” (Colossenses 2:2-3). Na busca pela verdadeira sabedoria, as escolas cristãs têm razões para estar confiantes ao trabalharem em um ambiente mantido sob o cuidado de Deus. O Salmo 100:5 nos assegura que *“o Senhor é bom; a sua misericórdia dura para sempre, e a sua verdade estende-se de geração em geração.”*

William Van Brugge é Diretor da Oxford Reformed Christian School em Mt. Elgin, Ontário.

Originalmente publicado em inglês na revista The Banner of Sovereign Grace Truth em 2017.



A piedade como exemplo educacional

por Bartel Elshout

“Ações falam mais alto que palavras!” Quão frequentemente este adágio é usado por todos nós, pois transmite uma realidade importante da vida cotidiana. Todos nós julgamos a sinceridade das palavras de alguém dentro do contexto de seu comportamento, e todos os outros julgam a sinceridade de nossas palavras pelo mesmo padrão. Por que isso acontece? A resposta pode parecer óbvia, mas ainda assim é significativa. Somente ao observarmos o

padrão consistente da conduta de uma pessoa ao longo de um período considerável é que descobrimos qual é a verdadeira força motivadora em sua vida. Deixe-me ilustrar. Se ocasionalmente nos envolvemos em conversas religiosas, criando assim uma impressão de piedade, mas o padrão consistente de nossa vida manifesta um espírito de mundanismo e uma busca persistente pelos bens e prazeres deste mundo, então quaisquer declarações que façamos

sobre a verdade bíblica e experiências religiosas não terão impacto, pois nosso discurso religioso não é confirmado por uma caminhada religiosa consistente. Portanto, quando as Escrituras falam de uma conversa piedosa, não se referem meramente a palavras piedosas, mas sempre englobam tanto palavra quanto ação. É por isso que as Escrituras frequentemente dizem pouco sobre as experiências de conversão dos santos, mas dão abundante testemunho dos frutos da piedade em sua vida. É precisamente por isso que Cristo não disse: “Pelas suas palavras os conhecereis”, mas sim: “Pelos seus frutos os conhecereis.”

Este princípio de palavras piedosas sendo confirmadas por uma caminhada piedosa é de importância fundamental no campo da educação cristã. Deixe-me afirmar desde o início que, também neste artigo, o termo “educação cristã” não se refere apenas à instrução que nossos filhos recebem em nossas escolas cristãs, mas ao esforço abrangente de casa, escola e igreja para criar nossos filhos no temor e na admoestação do Senhor.

Essa educação cristã só terá impacto sobre nossos filhos se eles puderem observar uma afirmação consistente

da instrução piedosa que recebem na caminhada piedosa de seus pais, professores e líderes da igreja. Não devemos temer que alguns de nossos jovens sejam “desencantados” com a religião porque não conseguem observar a relação vital entre o discurso e a prática daqueles que os instruem? Se nossa geração crescente não observar a realidade da religião na vida de seus instrutores, então não devemos nos surpreender se os jovens virarem as costas para a religião. Portanto, se desejamos manter nossos filhos dentro dos limites de nossa denominação, não basta proporcionar-lhes instrução cristã, mas é a obrigação solene de cada pai, professor e líder da igreja adornar essa instrução com uma vida cristã. Foi precisamente isso que os autores do Catecismo de Heidelberg tinham em mente, quando, ao formular a resposta à pergunta 86, “Por que ainda devemos fazer boas obras?”, concluem afirmando: “Para que, por nossa conversa piedosa, outros possam ser ganhos para Cristo.” Mais importante ainda, o próprio Cristo enfatiza esse princípio em Seu Sermão do Monte quando afirma em Mateus 5:16: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas

boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.”

Se é dever dos educadores cristãos conduzirem-se de maneira a ganhar seus alunos para Cristo – o verdadeiro propósito da educação cristã – por meio de sua conversa piedosa, é de suma importância que compreendamos quais são os elementos fundamentais de tal conduta.

Parece redundante definir o significado da palavra “cristão”. No entanto, para entender o que implica ser cristão em nosso exemplo, isso deve ser brevemente reafirmado aqui. Ser cristão significa ser semelhante a Cristo. Esta é precisamente a razão pela qual os filhos de Deus em Antioquia foram chamados de cristãos; eles eram semelhantes a Cristo em sua fala e em sua caminhada, a ponto de a abundante e consistente evidência de serem semelhantes a Cristo lhes render esse título. Era visível que eles haviam estado com Jesus, pois Cristo tornava-se manifesto em sua conduta ou, para simplificar, eles eram como Cristo.

No primeiro capítulo da Bíblia, o Espírito Santo nos transmite a verdade essencial de que o homem foi criado à imagem de Deus, em conhecimento, justiça e santidade. O homem tinha um

conhecimento perfeito de Deus, estava em um relacionamento correto com Deus, ou seja, era justo, e era plenamente devotado a Deus vivendo em perfeita conformidade com Ele, Sua vontade e Seus atributos; ou seja, ele era santo. Por meio de nossa terrível queda, perdemos essa maravilhosa imagem e nos tornamos ignorantes de Deus, já não estamos em um relacionamento correto com Deus, ou seja, somos injustos, e somos devotados a nós mesmos e à nossa própria vontade corrupta; ou seja, somos impuros. Contudo, o propósito eterno de Deus ao criar o homem não poderia falhar, e por isso Ele eternamente ungiu Seu Filho Jesus Cristo para restaurar pecadores caídos como portadores de Sua imagem novamente. Portanto, o Filho de Deus não é apenas Jesus, que salva pecadores do pecado e de suas consequências, mas Ele também é Cristo, o Ungido de Seu Pai, que o ordenou eternamente como Profeta, Sacerdote e Rei. Por que Ele foi ordenado a esses três ofícios? Ao executar esses três ofícios, Ele cumpre o propósito pelo qual salva Seu povo, ou seja, restaurá-los como portadores da imagem de Deus. Portanto, como Profeta, Ele restaura o conhecimento de Deus; como Sacerdote, Ele restaura

um relacionamento correto com Deus ou os torna justos; e como Rei, Ele os traz a uma submissão voluntária a Deus e, assim, restaura a conformidade com Deus ou os torna santos. O resultado óbvio, portanto, da obra de Cristo nos pecadores por meio do Seu Espírito, é a manifestação da imagem de Deus novamente na vida de Seus filhos. Assim, ser cristão significa ser novamente portador da imagem de Deus, não por algo encontrado em mim mesmo, mas porque Cristo, que em Sua natureza humana sem pecado reflete a imagem de Deus em absoluta perfeição, me fez participante de Si mesmo e de todos os Seus benefícios.

O verdadeiro cristão, portanto, manifestará novamente os três elementos fundamentais da imagem de Deus. Um cristão anseia conhecer a Deus em todas as Suas gloriosas perfeições, como são reveladas em Cristo, anseia ser justo diante de Deus em Cristo, e anseia ser santo para Deus em Cristo.

Tudo isso obviamente significa que, para a educação ser cristã, os três elementos da imagem de Deus devem constituir a estrutura essencial dessa educação. Conseqüentemente, o objetivo de tal educação deve ser que nossos filhos conheçam a Deus, que estejam

em um relacionamento correto com Deus e que vivam vidas santas – vidas conformadas à vontade e à lei de Deus. A conclusão lógica de tudo isso é que os educadores cristãos, ao se esforçarem por isso direta e indiretamente por meio de sua instrução, devem manifestar por meio de vida consistente que eles próprios estão se esforçando e ansiando conhecer a Deus em Cristo, serem justos diante de Deus em Cristo, e serem santos para Deus em Cristo. Somente quando nossos alunos percebem que essas questões são uma realidade viva em nossas vidas, nossa instrução será crível. As crianças aprendem um pouco com o que dizemos, mais com o que fazemos, mas, acima de tudo, com o que somos. Visto que, em casa e na escola, as crianças nos observam diariamente, elas logo descobrem quem somos. Elas perceberão quais são as tendências habituais de nossa vida. Descobrirão rapidamente se os três elementos da imagem de Deus, os sinais do verdadeiro cristão, se manifestam consistentemente, mesmo que não perfeitamente, mas ainda assim em princípio!

Portanto, para convencer meu aluno – que pode ser meu filho, estudante ou catecúmeno – de que conhecer a

Deus deve ser o objetivo final de todo aprendizado, ele deve perceber que a busca diligente e em fervorosa das Escrituras, pelas quais eu possa conhecer a Deus, é a verdadeira prioridade da minha vida. Isso se tornará mais evidente especialmente quando a própria Escritura for o assunto da instrução. Aqui, sobretudo, as crianças têm uma habilidade especial de perceber se nosso coração está envolvido ou se estamos meramente cumprindo um dever; se temos um conhecimento pessoal de Jesus como o centro e a substância das Escrituras ou se, na melhor das hipóteses, temos algum conhecimento intelectual dEle, ou pior, revelamos total ignorância sobre o propósito de Sua vinda e obra, promovendo uma religião de “não manuseies isto, não proves aquilo, não toques naquilo outro”, regra sobre regra e preceito sobre preceito. Nossos alunos devem ser capazes de ler entre as linhas de nossas vidas que “esta é a vida eterna: que conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.”

Em segundo lugar, se quero convencer meu aluno de que não posso ser justo, ou seja, estar em um relacionamento correto com Deus, a menos que eu seja participante de Cristo e

de todos os Seus benefícios por uma fé operada pelo Espírito, e de que sem a Sua justiça aplicada à minha alma, esta vida será meramente um prelúdio à separação eterna de Deus como objeto de Sua ira inextinguível, então meu aluno deve perceber que eu também estou ou buscando ou confiando somente na justiça de Cristo. Se nossos filhos consistentemente percebem que, apesar das menções ocasionais do nome de Cristo, dedico mais atenção a como posso ser um membro da igreja “em boa posição”, então não devemos nos surpreender se o resultado de tal “educação cristã” for uma geração de jovens satisfeitos em serem apenas “professos mortos”, ao invés de jovens que imploram sinceramente a Deus que também lhes conceda o dom da fé salvadora em Jesus Cristo, pela qual somente podemos ser justos diante Dele.

Finalmente, se quero convencer meu aluno de que o propósito da existência humana é ser santo, ou seja, viver uma vida de devoção a Deus e em conformidade com Sua vontade, então não apenas a santidade deve ser o princípio orientador de toda educação cristã, mas a santidade deve permear a atmosfera em casa, na sala de aula e também na classe de catecismo. Nossa

instrução, disciplina e relacionamento com nossos alunos devem funcionar no contexto da santidade. Por santidade, obviamente, não me refiro a uma santidade legalista e desprovida de amor. Isso seria uma contradição em termos, já que a devoção a Deus é o princípio motivador da verdadeira santidade. Nossos alunos devem entender que, como Criador, Deus é digno de que nossas vidas sejam devotadas a Ele, e que, como Criador, Ele é digno de que vivamos em conformidade com Sua vontade. Nossa vida como educadores cristãos é realmente uma vida centrada em Deus, ou nossos alunos percebem que, em nossa observância de princípios bíblicos, estamos meramente seguindo um ritual, e que estamos muito mais devotados à nossa conta bancária, ao fascínio do nosso hobby favorito ou à nossa reputação como oficiais ortodoxos e respeitados? Nossa vida e instrução estão verdadeiramente conformadas à vontade revelada de Deus, ou nossa vida, apesar de sua aparência religiosa, conforma-se principalmente a ideias, terminologias e tradições humanas? Se for esse o caso, então os frutos de nossa instrução serão condescendentes com isso, e nossos filhos não compreenderão que Deus em Cristo é

o verdadeiro ponto focal da religião e deve ser o ponto focal de nossa vida.

“Quem é suficiente para estas coisas?”, talvez pergunte um educador cristão que sente o peso de sua vocação. Que bênção seria se um desespero santo preenchesse nossa alma, pois ninguém, por si mesmo, é capaz de ser consistentemente um educador cristão tanto em palavras quanto em ações, e ainda assim Deus exige que sejamos tais educadores! Que sério dilema! Contudo, que solução maravilhosa encontramos na Palavra de Deus para esse dilema. Esta preciosa Palavra de Deus, o livro-texto superior da educação cristã, revela que tudo o que falta aos educadores cristãos em si mesmos pode ser encontrado no Cristo da educação cristã, que de Deus se tornou para os pecadores, destituídos de Sua imagem, “sabedoria (conhecimento), justiça, santificação (santidade)!” (1 Coríntios 1:30). Venham, portanto, a Ele, todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e Ele de modo algum vos lançará fora!

Bartel Elshout é um Ministro Emérito na Confederação das Igrejas Reformadas da Herança; também é um instrutor de meio período no Puritan Theological Seminary.

Originalmente publicado em inglês na revista *The Banner of Truth* em 1987.

Escolas públicas são mais baratas

Por Wybren H. Oord

O título deste artigo é uma desculpa frequentemente usada pelos pais para não oferecerem educação cristã para seus filhos. Parece uma afirmação autoevidente da verdade e a própria essência do bom senso. Afinal, a educação pública é gratuita, enquanto as escolas cristãs são muito caras.

A verdade é que a afirmação “as escolas públicas são mais baratas” é muito enganosa. Ela é tanto verdadeira quanto falsa. É como dizer que a erupção de um vulcão é uma visão bonita. É incrível ver a fumaça saindo do topo da montanha e a lava colorida descendo a encosta.

Bonito, isto é, de assistir na televisão. Eu ousou dizer, no entanto, que se a

sua casa estivesse perto da montanha, você acharia a erupção vulcânica mais aterrorizante do que bonita. Só quando você fecha os olhos para o terrível pode ver a beleza.

Da mesma forma, eu diria que a educação pública é mais aterrorizante do que bonita quando envolve seus próprios filhos da aliança. Tal educação é realmente mais barata quando você fecha os olhos para o custo terrível em outros aspectos mais elevados do que o bolso de uma pessoa.

Visão Curta

Em primeiro lugar, a ideia de que as escolas públicas são mais baratas é uma afirmação de visão curta. Os resultados da educação não são curtos; não duram apenas um breve período, mas para a vida inteira, sim, até mesmo para a eternidade. Através da educação, moldamos a vida para o futuro. Ninguém pode prever o resultado final, para o bem ou para o mal, do treinamento juvenil e das associações educacionais. Aqui nada pode ser deixado incerto. Somente o treinamento cristão positivo é permitido.

Pode ser possível economizar com uma fundação barata ao construir uma estrutura temporária, mas uma

fundação defeituosa é tolice e ruína ao erigir um edifício que ficará de pé por gerações. Então é inegociável lançar o melhor fundamento possível. Da mesma forma, quando estamos estabelecendo a fundação para a vida de nossos filhos [e os filhos de nossos filhos] como cidadãos do reino dos céus, nenhuma fundação barata deve ser estabelecida. A educação que eles receberão os afetará por toda a vida. E afetará seus filhos e os filhos de seus filhos também. Sim, a escola pública é mais barata; mas como estamos construindo para o tempo e a eternidade, não é admissível usar material de construção tão inadequado como base para a cosmovisão de nossos filhos.

Cara

A escola pública é mais barata. Sim, mas provavelmente se provará cara demais. O barato nem sempre é mais barato. Eu conheço uma casa que foi construída com foco na economia. O preço do construtor mais barato foi aceito. Um dólar foi economizado aqui, outro ali. Essa casa tem pouco mais de vinte anos e já se provou ser uma casa muito cara. O novo aquecedor, o novo telhado, o novo sistema elétrico têm sido um lembrete doloroso do fato

de que o barato sai caro. Um homem pobre, mas sábio, uma vez me disse que comprou um bom aquecedor para sua casa porque não podia se dar ao luxo de comprar um barato. Quem me dera todos os pais fossem tão sábios quanto esse homem quando se trata da educação de seus filhos.

Conheço pais que tiraram seus filhos da escola cristã e os colocaram na escola pública porque era mais barata. Eles economizaram muito dinheiro. Com esse dinheiro, compraram uma van nova, uma piscina de alvenaria, um novo trailer. Todo ano parecia que gastavam o dinheiro que achavam estar economizando. Mas os meninos passaram a ser influenciados por professores incrédulos e amigos incrédulos. Perderam sua consciência da aliança e começaram a viver como incrédulos. Logo, casaram com esposas incrédulas. Que preço terrível a pagar por uma educação mais barata!

Isso não quer dizer que toda criança que frequenta uma escola pública automaticamente renunciará à sua fé, nem implica que toda criança em uma escola cristã automaticamente crescerá para se tornar um líder na igreja. Contudo, é lógico que o banco de três pernas (lar, igreja e escola) será

mais forte quando cada perna trabalhar para apoiar a outra, em vez de ter uma perna que seja diametralmente oposta às outras duas. Os pais nunca devem colocar suas prioridades no custo da educação, mas sim na qualidade dela.

Perigoso

A escola pública é mais barata. Sim, mas a barateza muitas vezes é um sinal de perigo. Suponha que você fosse repentinamente diagnosticado com um terrível tumor cerebral e, para salvar sua vida, tivesse que se submeter a uma cirurgia. Você escolheria os médicos com base no custo ou na eficiência e na experiência? Você gostaria que os equipamentos que ele usasse fossem os melhores que o dinheiro pode comprar ou algo que ele pegou em um brechó? Quando uma vida está em risco, você não pode se dar ao luxo de escolher outra coisa senão o melhor.

Da mesma forma, quando você está treinando seu filho, uma cosmovisão está em jogo, você não pode deixá-la nas mãos daqueles que têm uma cosmovisão errada. Nunca deixo de me surpreender com pais que colocam seus filhos em certas escolas por causa de seu programa esportivo ou de música, mas não pensam muito sobre seu

programa religioso. Deixe as demandas da economia tirarem todo luxo e conveniência, mas que nunca interfiram no treinamento cristão de seu filho. Muito está em jogo para ceder ao argumento gasto da barateza.

Tolo

A escola pública é mais barata. Verdade, mas para o pai cristão consciencioso isso se reduz a uma absurda tolice. Assim como você não pode medir o caráter pelo dinheiro e os valores espirituais em dólares e centavos, da mesma forma não pode medir o valor da educação cristã e do ensino cristão

para seus filhos da aliança. Existem alguns valores que o dinheiro não pode comprar. E eles são os maiores de todos. À primeira vista, é mais barato não ter grama, flores, parques ou playgrounds. É mais barato deixar seu filho sem um casaco de inverno e dar-lhe água em vez de leite. É mais barato viver sem igrejas, bibliotecas e escolas. Mas quem quer pagar o preço?

Wybren H. Oord é um ministro aposentado na confederação das Igrejas Reformadas Unidas na América do Norte.

Originalmente publicado em inglês na revista The Outlook em 2004.

A educação nunca termina

por **George Grant**

O príncipe dos pregadores, Charles Haddon Spurgeon, escreveu certa vez em seu maravilhoso livro *John Plowman's Talks*: “Eu gostaria que todos fossem capazes de ler, escrever e fazer contas; de fato, não acho que um homem possa saber demais; mas veja bem, saber essas coisas não é educação; e há milhões de pessoas alfabetizadas que são tão ignorantes quanto o bezerro do vizinho Norton.”

As massas ignorantes de que Spurgeon escreveu não são aquelas que falharam em concluir suas lições. Elas são, na verdade, aquelas que as concluíram — ou melhor, aquelas que ingenuamente pensaram que as lições eram coisas que poderiam ser concluídas.

A educação não tem um ponto final, um extremo polar, uma linha de chegada, um resultado final. Em vez disso,

é um depósito, uma herança, uma promessa e até mesmo um pequeno vislumbre do futuro. Para muitos, é triste dizer, essa perspectiva exclusivamente cristã é uma visão de mundo totalmente estranha — uma noção alienígena, um paradoxo arcaico, um mistério insondável. Mentes embotadas pela sufocante conformidade da cultura popular não conseguem sondar as profundezas ou explorar as amplidões da virtude distintivamente cristã de um contentamento esperançoso diante de tarefas perpétuas. Assim, correm em direção ao que pensam ser o término deste ou daquele capítulo em suas vidas. Mal podem esperar para terminar a escola.



Assim, por exemplo, a formatura não é um começo para eles, mas uma conclusão. Depois disso, apressam-se em suas vidas e carreiras: caminham impacientemente durante a semana de trabalho ansiosos pelo fim de semana; esperam as férias e avançam em direção à aposentadoria — sempre chegando ao fim das coisas até que, por fim, as coisas cheguem ao fim.

Mas, da estrutura da cosmovisão cristã, o contentamento esperançoso diante de responsabilidades intermináveis é uma virtude que continuamente gera em nós a antecipação por novos começos, não por antigas resoluções. É uma virtude que nos provoca uma nova confiança tanto no presente quanto nos dias que ainda virão. Isso ocorre simplesmente porque é uma virtude enraizada na compreensão da boa providência de Deus e na fortuna da sua graça na aliança.

Nós, acima de todos os povos — nós que fomos trazidos da morte para a vida, nós que fomos levados ao fim de nós mesmos até o limiar da eternidade — nós, acima de todos, compreendemos isso. Este é, de fato, o cerne do Evangelho. A crucificação não é o término do trabalho mediador de Cristo; ao contrário, é a conjunção de dois

começos: a encarnação e a ressurreição. É o pivô da civilização, demarcando uma nova criação: *“As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”* (2 Coríntios 5:17).

Assim, somos agora um povo inerentemente otimista, sempre começando de novo, afirmando nossa fé em plena concordância com os patriarcas e os pais da igreja: *“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem”* (Hebreus 11:1).

Portanto, por exemplo, toda conversa sobre educação é, para nós, um lembrete de que acabamos de começar a aprender como aprender. É uma afirmação de que, embora nossa magnífica herança tenha nos apresentado às maravilhas esplêndidas da literatura, arte, música, história, ciência e ideias do passado, apenas fomos introduzidos a isso, e que uma aventura ao longo da vida nesses vastos e portentosos campos ainda nos espera. De fato, as lições mais valiosas que a educação pode transmitir são invariavelmente as lições que nunca terminam. Isso está no cerne da filosofia cristã de educação.

A excelência educacional, de uma perspectiva bíblica, não está tão preocupada com a quantidade de dados

acumulados na cabeça de um aluno, mas com um modo de pensar e agir tecido na vida de um estudante. Esse é o grande legado da cristandade.

Infelizmente, esta não é uma perspectiva particularmente popular nos dias de hoje. O trabalho árduo e a disciplina substancial necessários para o aprendizado ao longo da vida estão longe de estar na moda. Eles representam arcaísmos — há muito deixados para trás pela parafernália da contemporaneidade industrial e da modernidade progressista.

Tome a leitura como exemplo. Muito antes de a praga da televisão invadir cada momento de nossas vidas, C.S. Lewis comentou que, embora a maioria das pessoas nas culturas industriais modernas seja pelo menos marginalmente capaz de ler, simplesmente não lê. Em seu sábio e maravilhoso livro *An Experiment in Criticism*, ele escreveu: “A maioria, embora sejam às vezes leitores frequentes, não dá muito valor à leitura. Recorrem a ela como último recurso. Abandonam-na com rapidez assim que qualquer outra opção de passatempo aparece. Reservam-na para viagens de trem, doenças, momentos ocasionais de solidão forçada ou para o processo de se ler até dormir.” Às

vezes, eles combinam isso com conversas desconexas; muitas vezes, ouvindo rádio. Os leitores literários, em contraste, estão sempre em busca de lazer e silêncio para ler e o fazem com total atenção. Quando lhes é negada tal leitura atenta e tranquila, mesmo por alguns dias, sentem-se empobrecidos.

Ele também admitiu que há um profundo desconcerto por parte da maioria da cidadania em relação aos gostos e hábitos dos leitores assíduos: “É bem claro que a maioria, se falasse sem paixão e fosse plenamente articulada, não nos acusaria de gostar dos livros errados, mas de fazer tanto alarde sobre livros em geral. Tratamos como um ingrediente principal do nosso bem-estar algo que, para eles, é marginal. Assim, dizer simplesmente que eles gostam de uma coisa e nós de outra é omitir quase todos os fatos.”

Tudo isso não implica, de forma alguma, uma acusação de depravação moral ao boêmio moderno; ao contrário, reconhece-se a simples realidade do enorme abismo que existe entre aqueles que leem e aqueles que não leem, entre as massas populares e os poucos peculiares. Reconhece-se que a educação exige o segundo grupo,

enquanto mantém uma incompatibilidade intransigente com o primeiro.

E aí está o problema. Queremos “ter o bolo e comê-lo também” — uma perspectiva tão improvável quanto avistar Elvis, um reencontro dos Beatles ou uma boa legislação saindo de Washington.

O problema com a leitura séria é parte integrante de praticamente todos os outros problemas da modernidade — a leitura séria é, muitas vezes, um trabalho árduo que exige disciplina inflexível. E, se há algo que nós, modernos, temos aversão, é ao trabalho disciplinado. Neste estranho dia-a-dia instantâneo, tudo-à-mão, de refeições de micro-ondas, edifícios pré-fabricados, janelas de drive-thru, aprovações de crédito sem espera e entretenimento pré-digerido, tendemos a reduzir tudo ao nível do menor denominador comum e ao tempo de resposta mais rápido — o que parece estar ficando cada vez menor e mais rápido com cada dia que passa.

Até mesmo a igreja caiu vítima desse “espírito dos tempos”. Se realmente tivéssemos escolha, não gostaríamos que o culto fosse muito exigente. Não desejaríamos doutrinas que desafiassem nossas noções pessoais. Na verdade, só queremos músicas que nos

deixem confortáveis. Queremos pregações que nos tranquilizem, que reforcem nossas preferências peculiares e que nos proporcionem um senso de serenidade — e tudo isso em tempo recorde. Queremos mudanças rápidas; graça barata; platitudes inspiradoras; teologia de adesivo de para-choque; fé fácil. Queremos um Cristianismo “Light”. Queremos boas notícias agradáveis, não necessariamente as Boas Novas.

Pelos mesmos motivos, quando lemos, preferimos, na verdade, “junk food” literário. Os fatos pré-digeridos do USA Today são muito mais fáceis de consumir do que o Magnalia Christi Americana de Cotton Mather. Vamos ser sinceros: Dan Brown, Danielle Steel e Tom Clancy são mais fáceis de digerir do que Abraham Kuyper, Thomas Chalmers e Merle d’Aubigné. Ler é uma disciplina — e toda disciplina é difícil. Mas, novamente, assim é com qualquer coisa que realmente valha a pena.

Em seu notável livro *The Moral Sense*, James Q. Wilson enfatiza esse ponto com grande clareza. Ele afirma que “as melhores coisas da vida” invariavelmente “custam-nos algo.” Precisamos sacrificar para alcançá-las, conquistá-las, mantê-las e até mesmo desfrutá-las.

Essa é uma das lições mais importantes que podemos aprender na vida. É a mensagem que sabemos que devemos ensinar a nossos filhos: paciência, compromisso, diligência, constância e disciplina acabarão por valer a pena se estivermos dispostos a adiar a gratificação por tempo suficiente para que as sementes que plantamos germinem e deem frutos.

Uma abordagem superficial, frívola e imprecisa a qualquer coisa — seja esportes, estudos, ofícios, negócios ou casamento — é, em última análise, auto-destrutiva. Não é provável que satisfaça qualquer apetite — pelo menos, não por muito tempo.

Foi o abandono moderno desse tipo de excelência educacional, desse padrão de aprendizado ao longo da vida, que provocou G.K. Chesterton a afirmar: “A grande tradição intelectual que nos chega do passado nunca foi interrompida ou perdida por trivialidades como o saque de Roma, o triunfo de Átila ou todas as invasões bárbaras da Idade das Trevas. Ela foi perdida após a introdução da imprensa, a descoberta da América, a chegada das maravilhas

da tecnologia, o estabelecimento da educação universal e toda a iluminação do mundo moderno. Foi aí, se em algum lugar, que foi perdida ou impacientemente rompida a longa e delicada linha que havia descido da antiguidade distante; a linha daquele curioso hobby humano: o hábito de pensar.”

Se quisermos resistir à tendência da modernidade maligna, se quisermos recuperar nossa herança cristã na educação, se quisermos transmitir essa herança a nossos filhos e netos, se quisermos empreender a iniciação de começos intermináveis, então devemos retornar às certezas simples da experiência da cristandade: excelência educacional é trabalho árduo — e isso exige uma visão para o aprendizado ao longo da vida.

George Grant é pastor emérito da Igreja Presbiteriana Paroquial, fundador do New College Franklin, diretor do King’s Meadow Study Center, fundador e reitor da Franklin Classical School em Franklin, Tennessee, e anfitrião dos podcasts “Jogo de Palavras” e “Resistência e Reforma”. É autor de vários livros, incluindo *O Mandato de Miquéias: Equilibrando a Vida Cristã*.

Originalmente publicado em Inglês por Ligonier em 2006.



O Pai que Ensina

por Wybren H. Oord

“Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos.”
Deuteronômio 6:6-7.

Meu pai costumava resolver situações com ditados em frísio. Traduzido livremente, seu favorito parecia ser: “Se não dá para fazer como tem que ser feito, tem que ser feito como dá para fazer.” Crescendo numa fazenda com máquinas velhas e muito usadas, essa frase se encaixava em muitas ocasiões.

Qualquer que fosse a situação, ele sempre tinha uma frase que combinava. Às vezes, eu só balançava a cabeça e me perguntava como os frísios sabiam sobre tantas situações diferentes que enfrentávamos. Outras vezes, eu tentava responder com um ditado em inglês. “Deus ajuda quem cedo madruga” era respondido com “antes tarde do que nunca”. “A ausência faz o coração

crescer” recebia “longe dos olhos, longe do coração”.

Hoje, gostaria de ter anotado algumas dessas frases. Ainda assim, de vez em quando, uma delas me vem à mente—especialmente quando um dos meus filhos não consegue fazer algo funcionar do jeito certo. Então eu comento: “Sabe, meu pai costumava dizer...” Às vezes eles sorriem. Outras vezes, reviram os olhos, como eu fazia quando ouvia meu pai repetir essas coisas.

Exemplo Primário

Quer admitam ou não, os pais são modelos para seus filhos, de forma positiva ou negativa. Um pai que se recusa a enxergar isso já está ensinando algo—seja pela ausência, seja pela falta de envolvimento. E isso pode prejudicar o futuro dos filhos.

Quem teve o privilégio de ter pais que foram bons exemplos, costuma estar melhor preparado para a vida. Se você pode lembrar e dizer com carinho: “Meu pai costumava dizer...”, então Deus lhe deu um presente valioso.

Não é surpresa que a Bíblia traga orientações sobre como ser o tipo de pai que Deus deseja. Nosso Pai celestial nos ama e provê tudo por meio de Seu Filho, Jesus Cristo. E também nos mostra como podemos ter uma relação positiva com nossos filhos.

Em Deuteronômio 6, antes que o povo entrasse na Terra Prometida, Deus lhes deu instruções. Depois de anos no deserto, estavam prestes a viver em cidades que não construíram e em terras que não cultivaram. Deus os orienta a amá-lo e guardar Seus mandamentos, e que ensinem isso aos filhos.

Essa instrução não era só para aquele povo, nem apenas para pais, mas para todos os crentes que aguardam a vinda do Senhor e a terra prometida. Mas se você está lendo isso como pai, há três pontos que se destacam. O primeiro é que pais são chamados a amar. Amar a Deus com todo o coração, alma e entendimento.

O amor por Deus é o começo da jornada espiritual. Precisamos entender

que fomos separados de Deus e que Ele nos reconciliou consigo por meio de Seu Filho. Nosso amor e gratidão por esse sacrifício devem guiar nossas vidas. Quando amamos verdadeiramente a Deus, o resto se torna secundário.

Infelizmente, cresce na América do Norte uma indiferença com Deus que afeta muitas famílias. Muitos pais parecem tê-lo esquecido. Pensam apenas em si mesmos. Quando Deus sai da relação entre pai e filho, tudo pode acontecer—e raramente é bom.

Pais devem crer com todo o coração e buscar servir a Deus com todas as forças. Isso começa pela fé em Jesus Cristo, que nos liga ao Pai celestial. Com os olhos voltados para Cristo, podemos nos aproximar do Pai com confiança. Uma das coisas que devemos pedir é ajuda para sermos bons pais.

Se você já se sentiu um pai fracassado, saiba que é possível mudar isso voltando-se para Deus. Pare de se afastar dele ao ocupar seu tempo com lugares e atitudes que sabe que não agradam. Não se envolva tanto com o trabalho a ponto de não ter tempo para os filhos.

A Bíblia ensina que, para ser um pai amoroso, o homem deve amar a Deus, Sua Palavra e Sua lei. Muitos não querem ouvir isso, pois não gostam de ser

mandados. Mas é isso que transforma o lar.

Moisés disse ao povo: “Levem a sério todas estas palavras, para que possam ensiná-las com cuidado aos seus filhos. Elas não são palavras vazias—são a sua vida” (Dt 32:46-47). A Palavra de Deus é vida. Ela nos ensina como viver plenamente.

Resumindo: ou vivemos do jeito certo ou do errado. E o jeito certo é o de Deus. Enquanto não estivermos dispostos a viver assim, enfrentaremos problemas em todas as áreas: no trabalho, no casamento, com os filhos. Sem viver segundo Deus, seremos pais problemáticos.

Professores Primários

Pais devem amar a Deus e aos filhos. Pode parecer óbvio, mas amar de verdade significa ensinar sobre Deus. Os israelitas foram instruídos a falar da Palavra com seus filhos em casa, no caminho e na hora de dormir (Dt 6:7).

Em vez de passar o tempo vendo TV ou esportes, os pais devem falar sobre Deus e Sua Palavra. O lar deve ser um ambiente onde a Bíblia está presente, não apenas em quadros nas paredes, mas no coração. Pais precisam

aprender a comunicar a beleza da Palavra aos filhos.

Você quer que seus filhos vão para o céu? Então ensine-os sobre Jesus Cristo!

Mas, antes, os pais precisam conhecê-lo bem. Não basta um conhecimento superficial. É preciso amá-lo de todo o coração, mente e alma. Viver perto do Senhor em oração. Ser exemplo de vida piedosa e temente a Deus.

O segundo dever dos pais é amar e cuidar da mãe dos filhos. Apoie sua esposa no ensino das coisas de Deus. Marido e mulher devem estar de acordo nas questões espirituais da vida.

O amor verdadeiro entre os cônjuges deve ser visível para os filhos. Eles percebem mais do que imaginamos. Não dá para enganá-los com palavras quando as atitudes dizem outra coisa.

Muitos maridos gostam de citar Efésios 5:22: “Mulheres, sujeitem-se a seus maridos como ao Senhor.” Mas se esquecem do versículo anterior: “Sujeitem-se uns aos outros por temor a Cristo” (v. 21). E que devem amar suas esposas como Cristo amou a igreja (v. 25). Em meu ministério, conheci muitas mulheres que, se fossem amadas assim, voltariam para seus maridos.

Pessoas Primárias

Algo essencial para os pais é separar momentos para ler a Bíblia e orar com a família. Os devocionais em casa são fundamentais para cultivar o amor por Deus. Pode ser difícil encontrar bons materiais, mas vale a pena visitar uma livraria cristã ou pedir recomendações ao pastor. Autores como R.C. Sproul, John MacArthur e Oswald Chambers são ótimas opções. E para quem tem orçamento apertado, brechós costumam ter bons livros por preços baixos.

Mostre aos seus filhos que Cristo está no centro da sua vida e que Deus é o Criador e sustentador de tudo. Isso inclui se envolver na educação deles. Não deixe tudo nas mãos da escola ou da esposa. Esteja atento ao que eles aprendem, aos livros que leem, e aos valores que lhes são passados.

Pais são chamados a ser os principais educadores dos filhos. Sim, a vida é corrida. Tem o trabalho, o quintal, os esportes, os hobbies. Mas se Deus lhe deu filhos, sua maior responsabilidade é com eles.

Talvez você ache tudo isso antiquado. Pode ser. Mas veja os “pais modernos”: lares quebrados, famílias e corações partidos, filhos perdidos. Não

podemos trocar os ensinamentos antigos da Bíblia por ideias modernas que falham.

Ser um bom pai hoje exige muito. E, de fato, nenhum pai consegue fazer tudo certo. Mesmo tentando, erramos.

Mas a boa notícia é que Deus perdoa nossos erros. Ele nos mostra o que é ser pai de verdade. E além de nos capacitar, Ele também nos perdoa. Isso é motivo para grande gratidão!

Deus promete nos guiar como pais quando O amamos e amamos Sua Palavra. Precisamos de Sua ajuda. E também devemos incentivar uns aos outros a sermos os pais que Ele deseja: homens que amam a Deus, Sua Palavra, suas esposas e seus filhos.

Se você é mãe e esposa, seu apoio é fundamental. Ajude seu marido a ser um pai amoroso. Se você é filho, tenha paciência conosco. Que possamos aprender juntos a servir a Deus. E que, como famílias, possamos louvar o nome do nosso Pai celestial.

Wybren H. Oord é um ministro aposentado na confederação das Igrejas Reformadas Unidas na América do Norte.

Originalmente publicado em inglês na revista The Outlook em 2014.